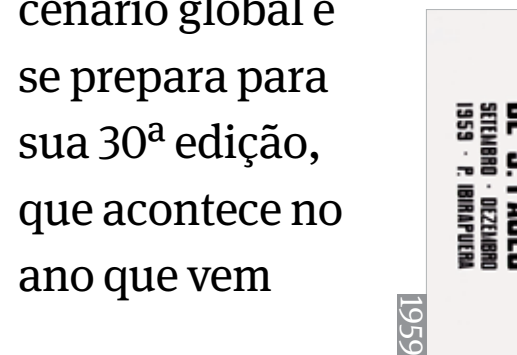
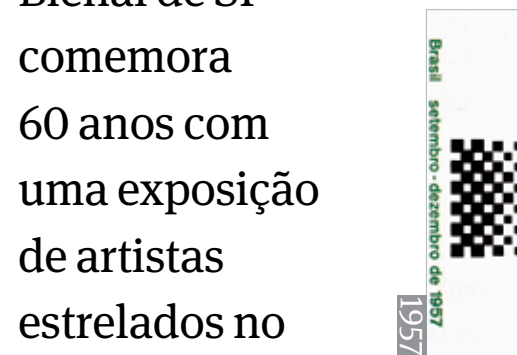
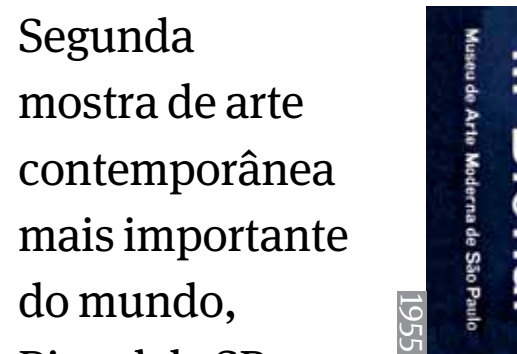
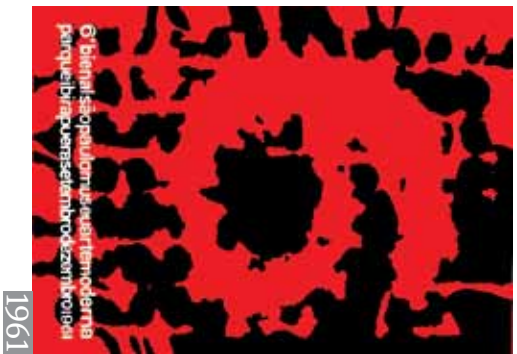
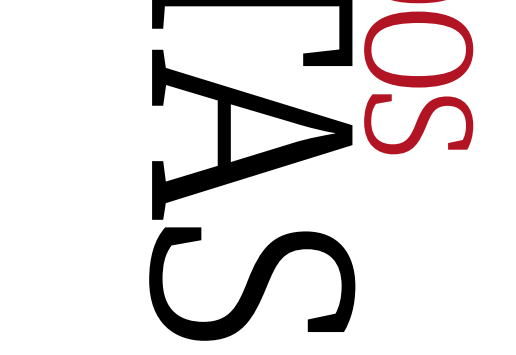
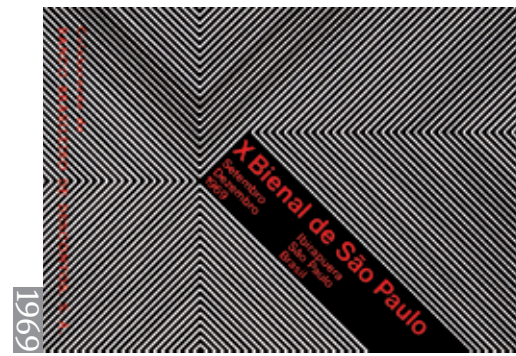
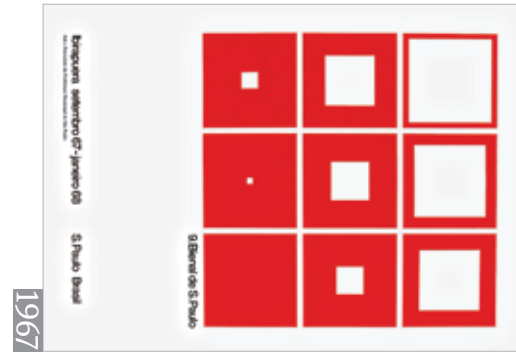
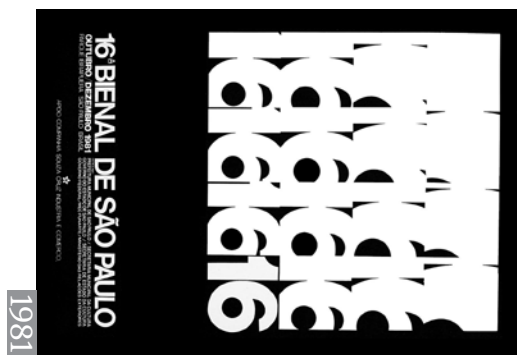
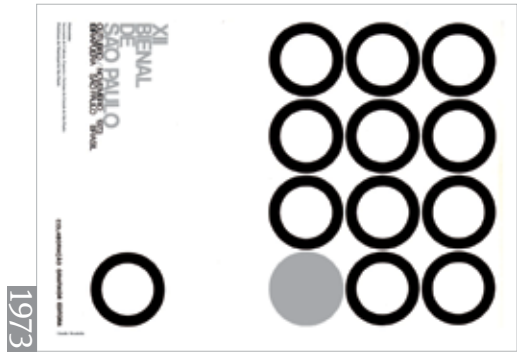
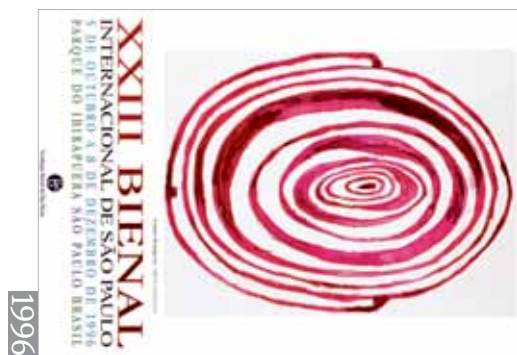
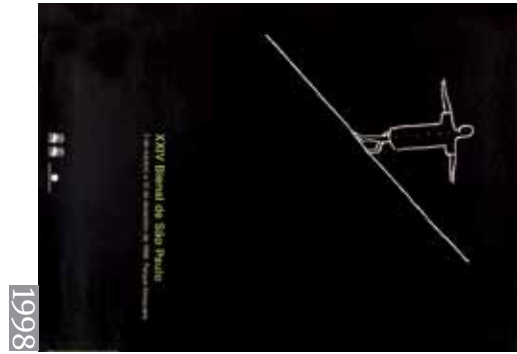


★ ★ ★
FOLHA DE S. PAULO
TERÇA-FEIRA,
27 DE SETEMBRO
DE 2011



60 anos

Segunda
mostra de arte
contemporânea
mais importante
do mundo,
Bienal de SP
comemora
60 anos com
uma exposição
de artistas
estrelados no
cenário global e
se prepara para
sua 30ª edição,
que acontece no
ano que vem

EM NOME DOS ARTISTAS

Reprodução
dos cartazes
oficiais das
29 edições da
Bienal de SP

OS NETOS DE ANDY WARHOL

SILAS MARTÍ
DE SÃO PAULO

Uma vaca e um bezerro cortados ao meio flutuam em um tanque cheio de formol.

Esse espetáculo de atração e repulsa ocupa um espaço central do pavilhão da Bienal de São Paulo, no Ibirapuera.

O britânico Damien Hirst é o artista por trás dessa natureza-morta literal.

Seus excessos visuais pauperaram a geração de norte-americanos “blockbuster” escalados para a exposição “Em Nome dos Artistas”, que celebra 60 anos da Bienal paulista —espécie de aquecimento para a sua 30ª edição, que ocorre apenas em 2012.

Nas últimas décadas, a produção de nomes como Jeff Koons, Richard Prince, Cindy Sherman e Matthew Barney deixou para trás a noção clássica de artistas plásticos em seus ateliês espartanos.

Eles se tornaram celebridades, esticando aqueles 15 minutos de fama tão propagados por Andy Warhol.

O flerte com a indústria do entretenimento se tornou, em certos casos, matrimônio: Koons foi casado com a ex-atriz pornô italiana Cicciolina e Barney divide a vida com a cantora islandesa Björk.

Suas contas bancárias também são dignas de estrelas. Em pleno cataclismo financeiro global de 2008, Hirst vendeu R\$ 500 milhões em obras num leilão-espetáculo

Estrelas globais das artes, Damien Hirst, Jeff Koons, Cindy Sherman e Matthew Barney estão em mostra comemorativa do aniversário da Bienal de SP

em Londres, um dos epicentros da crise do crédito.

No mesmo ano, uma escultura de Koons foi arrematada por R\$ 48 milhões e Sherman bateu recorde com uma foto vendida por R\$ 7 milhões.

“É verdade que esses artistas têm enorme visibilidade”, diz Gunnar Kvaran, curador do museu norueguês **Astrup Fearnley**, que emprestou as obras da exposição. “Eles são como os netos de Warhol que entraram no ‘star system’.”

Na mostra é possível entender como isso aconteceu.

Numa pintura, Koons faz sexo oral com Cicciolina, Sherman se autorretrata como a Virgem lactante e Prince reinventa o cáuboi dos comerciais de Marlboro.

Todos se apropriam de fragmentos da cultura visual, pop e erudita, para articular imagens tão sedutoras e

ASTRUP FEARNLEY

Museu em Oslo que tem no acervo peças icônicas como a vaca e o bezerro de Damien Hirst e a escultura de Michael Jackson e seu chimpanzé de estimação Bubbles, obra do artista Jeff Koons

DOUG AITKEN

Na série “Sleepwalkers”, o artista projetou curtas com celebridades na fachada do MoMA, em Nova York: a atriz vencedora de um Oscar Tilda Swinton, a cantora Cat Power e até o brasileiro Seu Jorge

excêntricas como suas próprias personalidades.

EMERGENTES

Menos vistosos, também estão na mostra artistas consagrados que trilharam caminhos estéticos mais sutis.

Felix Gonzalez-Torres, cubano radicado nos Estados Unidos, explora questões autobiográficas em instalações que dialogam com o minimalismo, como um grande tapete feito de doces embrulhados em celofane azul.

Questões arquitetônicas e espaços ermos e vazios estão num vídeo de **Doug Aitken**, artista que já projetou uma série de curtas na fachada do MoMA, em Nova York.

Shirin Neshat, iraniana radcada em Manhattan, também cria videoinstalações mais sóbrias, em que discute a condição feminina no Irã e

inventa fantasias utópicas para sublinhar as contradições do mundo muçulmano.

Na ala mais jovem e não menos controversa da América, artistas como Nate Lowman, Paul Chan, Frank Benson, Dan Colen e Terence Koh, chinês radcado em Nova York, reinventam noções de escultura e videoarte em obras críticas à hegemonia norte-americana no planeta e ao consumismo do país.

Entre os mais polêmicos, Koh, famoso por ser amigo da estrela pop Lady Gaga, já vendeu até seus próprios excrementos folhados a ouro e não se acanha em usar esperma e outras secreções como material de suas composições.

Na mostra comemorativa, ele exhibe duas esculturas cobertas em ouro e purpurina, construídas com abelhas e a cabeça de um babuíno.

Eduardo Knapp/Folhapress





‘Mother and Child Divided’, obra de Damien Hirst, na mostra comemorativa

estrelas

DAMIEN HIRST

Mais rico artista britânico hoje, ele tem uma fortuna acumulada de cerca de R\$ 630 milhões. Nascido em Bristol, em 1965, Damien Hirst tem uma espécie de obsessão pela morte, tema frequente em sua obra. Nessa pegada, criou uma caveira cravejada de diamantes, uma das obras icônicas da escalada de valores no mercado de arte, e uma série de animais conservados em formol, como tubarões e a vaca e o bezerro agora na Bienal, que renderam a Hirst o Turner Prize

CINDY SHERMAN

Uma das principais fotógrafas norte-americanas, ela ficou famosa por se autorretratar disfarçada de centenas de personagens ao longo de sua carreira. Pioneira da fotografia conceitual, a artista nascida em 1954 em Glen Ridge, em Nova Jersey, também discute questões feministas em seu trabalho, como a representação da mulher no cinema e em revistas eróticas

MATTHEW BARNEY

Casado com a cantora Björk, ele foi modelo antes de abraçar as artes plásticas. Nascido em San Francisco, em 1967, filmou “The Cremaster Cycle”, série de cinco superproduções cinematográficas. Nos longas, Barney construiu universos paralelos habitados por seres que misturam escultura e cinema. Seu processo de criação virou emblema desses tempos de excesso nas artes visuais

JEFF KOONS

Nascido em 1955 em York, nos Estados Unidos, Jeff Koons despontou nos anos 80 com obras ultrakitsch, como a escultura dourada de Michael Jackson e seu chimpanzé Bubbles. Todo o seu trabalho gira em torno do gigantismo pop e plastificado dos EUA, algo que ele ironiza também em sua série pornô com Cicciolina

RICHARD PRINCE

Artista que se apropria de fotografias de terceiros, como a do caubói da Marlboro (foto), primeira foto vendida por mais de US\$ 1 milhão, em 2005. Ele nasceu em 1949 no Panamá, mas cresceu e estudou em Nova York



45 MINUTOS DE FAMA

Confira três roteiros para visitar a mostra ‘Em Nome dos Artistas’

MEGAESTRELAS

45 min

Quem não tiver muito tempo pode ver as grandes estrelas da mostra visitando o primeiro e o terceiro andar do pavilhão. Comece pela vaca e o bezerro de **Damien Hirst** logo na entrada. Depois, suba a rampa até o terceiro pavimento para ver obras de seus colegas, como as fotografias de **Cindy Sherman**, instalações de **Jeff Koons** e **Matthew Barney**, além dos trabalhos de **Richard Prince**



‘Me, Jesus and the Children’, obra de Dan Colen, que está agora na mostra

EMERGENTES

1h30

Ainda no terceiro andar, estão artistas aclamados pela crítica mas menos famosos. Estão lá as obras minimalistas de **Felix Gonzalez-Torres**, as esculturas hiper-realistas de **Charles Ray**, que simulam pessoas com quase perfeição, **Tom Sachs**, que criou a réplica de um McDonald's, **Doug Aitken**, com um vídeo em que explora vazios arquitetônicos, e **Shirin Neshat**, iraniana que discute o fundamentalismo religioso

JOVEM AMÉRICA

3h

Ficou quase restrita ao segundo andar a produção de jovens artistas norte-americanos, que despontaram na última década e têm em comum uma posição crítica à hegemonia dos Estados Unidos na esfera global. Vale a pena conferir as videoinstalações de **Paul Chan** e **Anthony Burdin**, a obra neopop de **Nate Lowman**, a produção escatológica de **Terence Koh** e trabalhos de **Frank Benson** e **Dan Colen**



Fotografia do artista Charles Ray



Fotogramas da série ‘The Cremaster Cycle’, do artista Matthew Barney na exposição ‘Em Nome dos Artistas’

PROGRAMAÇÃO

HOJE

▶▶ 16h - Sabatina com o artista plástico Jeff Koons. O evento, promovido pela **Folha** e o **UOL**, em parceria com a Fundação Bial, acontece no Auditório Ibirapuera (av. Pedro Álvares Cabral, s/nº, portão 2)

▶▶ 18h - Abertura da exposição (para convidados)

AMANHÃ

▶▶ 9h, 11h, 14h e 16h - Visitas para professores e educadores sociais inscritos (informações no site www.divertecultural.com.br). O evento também acontece no dia 29/9

▶▶ 19h - Palestras de Tom Sachs e Nate Lowman, no auditório do Porão das Artes, no pavilhão da Bial (ingressos grátis, distribuídos uma hora antes)

30/9

▶▶ 9h - Abertura da mostra para o público

DE 4/10 A 4/12

▶▶ Visitas orientadas para grupos e pessoas com mais de 60 anos (inscrições em www.divertecultural.com.br)

▶▶ Visitas espontâneas para grupos não agendados (informações no local)

DE 11 A 16/10

▶▶ Programação especial na Semana do Professor, com palestras e encontros (informações no site www.bienal.org.br)

INFORMAÇÕES

QUANDO de hoje (só convidados; abertura para o público em 30/9) a 4/12

ONDE Pavilhão da Bial (pq. Ibirapuera, portão 3, tel. 0/xx/11/5576-7600)

QUANTO R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia)

CLASSIFICAÇÃO livre (algumas salas têm classificação indicativa afixada na entrada)

HORÁRIO ter., qua., sex., sáb. e dom., das 9h às 19h (entrada até as 18h); qui., das 9h às 22h (entrada até as 21h)

ESTACIONAMENTO exigido talão Zona Azul

ALIMENTAÇÃO há um café no mezanino do prédio

CÂMERA FOTOGRÁFICA uso proibido

MAIS INFORMAÇÕES www.bienal.org.br

FOLHA.com

Veja vídeos, fotos e leia o perfil de todos os artistas em folha.com/bienal60

POR QUE A BIENAL COMPLETA 60 ANOS EM 2011 E A 30ª EDIÇÃO OCORRE APENAS EM 2012?

Em 1993, ano do centenário da Bienal de Veneza, a organização da mostra italiana pediu que a Bienal Internacional de São Paulo adiasse sua edição para o ano seguinte para não haver coincidência. A partir daí, a Bienal passou a ocorrer em anos pares

IMPASSE HISTÓRICO

FABIO CYPRIANO
CRÍTICO DA FOLHA

A Bienal de São Paulo chega aos 60 anos em uma situação ambivalente.

Se, por um lado, é a mais importante instituição das artes plásticas no país, por outro, ainda não possui um modelo de gestão, financiamento e diálogo com a cena local à altura de seu papel.

A relevância da Bienal para a cidade e o país é de grandes proporções. Ela formou e informou grande parte dos curadores e artistas do país.

Foi palco para o debate sobre importantes temas da sociedade, como quando artistas pediram a liberação de presos políticos ao presidente Castelo Branco, na abertura da 8ª Bienal, em 1965.

E, claro, teve relevante função no debate artístico, como ao apontar a mesmice na pintura, na 18ª Bienal, em 1985.

O problema de gestão é, no entanto, um vício de origem: criada pelo mecenas **Ciccillo Matarazzo**, a Bienal acostumou-se a sobreviver com base em iniciativas pessoais e centralizadas.

Por mais que seus presidentes declarassem seu amor à arte, a projeção pública sempre foi o fator substantivo do cargo.

Sua mais recente crise foi um exemplo dessa característica. O banqueiro **Edemar Cid Ferreira** se projetou com o engrandecimento da instituição e, quando faliu, levou junto a Bienal, que só não fechou as portas porque um grupo de empresários e intelectuais, liderados por Heitor Martins, tirou a fundação da beira do abismo.

Se a catástrofe foi evitada, a estrutura que a gerou ainda não foi transformada de fato. O conselho da Bienal discute um novo estatuto, mas não consegue uma modernização efetiva, como acabar com os cargos de conselheiros vitalícios — um modelo de apadrinhamento criado

Modelo de gestão personalista é ameaça para o futuro da maior mostra de artes do país

DOCUMENTA

É considerada a principal mostra de artes visuais do mundo. Começou em 1955 e acontece a cada cinco anos em Kassel, na Alemanha. Sua próxima edição está marcada para junho do ano que vem

CICCILLO

Francisco Matarazzo Sobrinho (1898-1977) foi o fundador e principal mecenas da Bienal. Ele idealizou a primeira edição e manteve o comando da fundação até a morte

EDEMAR CID FERREIRA

Ex-banqueiro condenado por fraudes no sistema financeiro que presidiu a Fundação Bienal e a levou à derrocada. Sua coleção de arte foi apreendida pela Justiça e hoje ele vive de favor na casa de amigos

por Matarazzo.

Tampouco se cria uma estrutura de seleção isenta do curador da Bienal, feita por meio de um conselho de especialistas, indicados pelo presidente, ao contrário de outras mostras importantes no mesmo formato, como a **Documenta de Kassel**.

A própria comemoração dos 60 anos, aliás, aponta para o modelo centralizador e personalista da instituição na tomada de decisões.

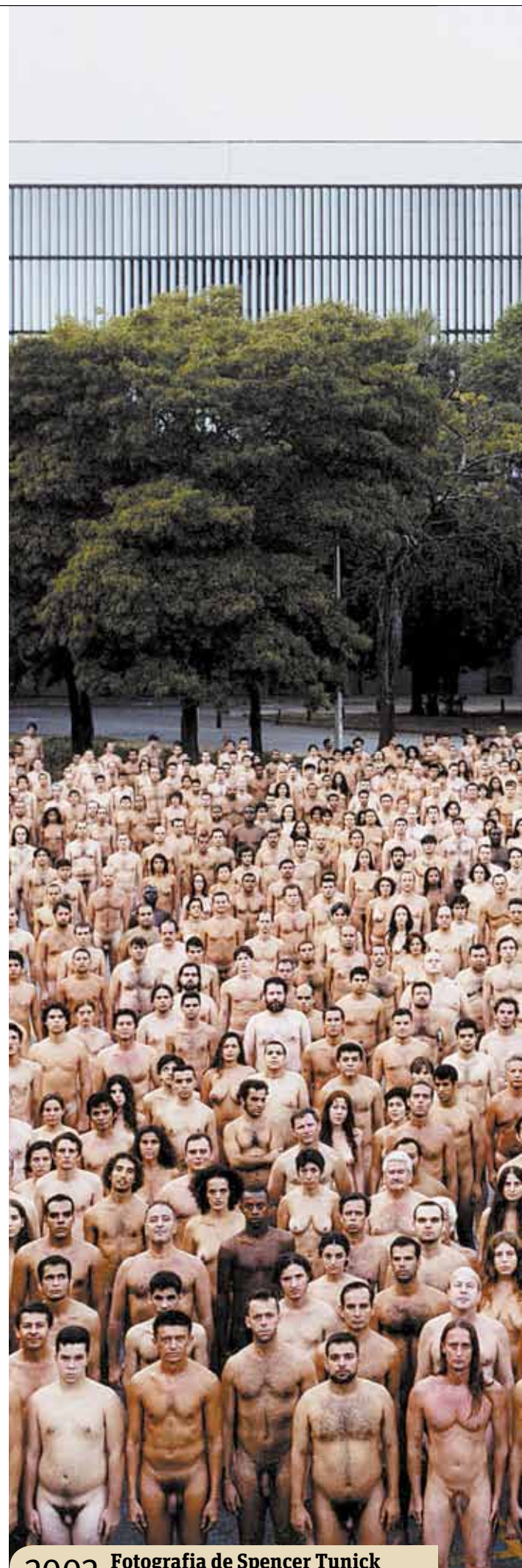
A escolha por apresentar uma coleção norueguesa é um tanto estranha e está drenando recursos que deveriam servir para a realização da 30ª Bienal, no ano que vem.

A iniciativa de Martins de trazer ao pavilhão projetado por Oscar Niemeyer artistas que nunca tomaram parte da história da Bienal, como Damien Hirst, Cindy Sherman ou Richard Prince, pode até compensar a ausência desses nomes estelares ao longo da história do evento.

A exposição, porém, tira o caráter mais alternativo pelo qual a mostra de São Paulo se consagrou.

Não há dúvida de que a gestão de Martins e sua diretoria representa um avanço na história da Bienal ao trazer mais transparência e competência à instituição.

Ainda é preciso, no entanto, promover um diálogo mais estreito com a cena nacional para garantir tanto recursos como o compromisso com quem reflete sobre artes visuais no Brasil.



2002 Fotografia de Spencer Tunick feita durante a 25ª Bienal de SP

Spencer Tunick/Reprodução



bienais inesquecíveis

Fundação Bienal/Divulgação

1ª Bienal - 1951

Picasso (1881-1973), Magritte (1898-1967) e Giacometti (1901-1966) foram os destaques na única edição que ocorreu fora do Ibirapuera (realizada na esplanada do parque Trianon, na av. Paulista)

2ª Bienal - 1953

Carro-chefe da festa de 400 anos de São Paulo, a Bienal migrou para o Ibirapuera. "Guernica", de Picasso, foi a sensação do evento, que teve direção de Sérgio Milliet

4ª Bienal - 1957

A mostra retrospectiva do artista abstrato Jackson Pollock (1912-1956) foi o ponto alto da edição

6ª Bienal - 1961

Desvinculada do MAM (Museu de Arte Moderna), a Bienal destacou a produção radical do alemão Kurt Schwitters (1887-1948) e da brasileira Lygia Clark (1920-1988)

8ª Bienal - 1965

Arte surrealista foi representada por nomes como Marcel Duchamp (1887-1968) e Max Ernst (1891-1976)

9ª Bienal - 1967

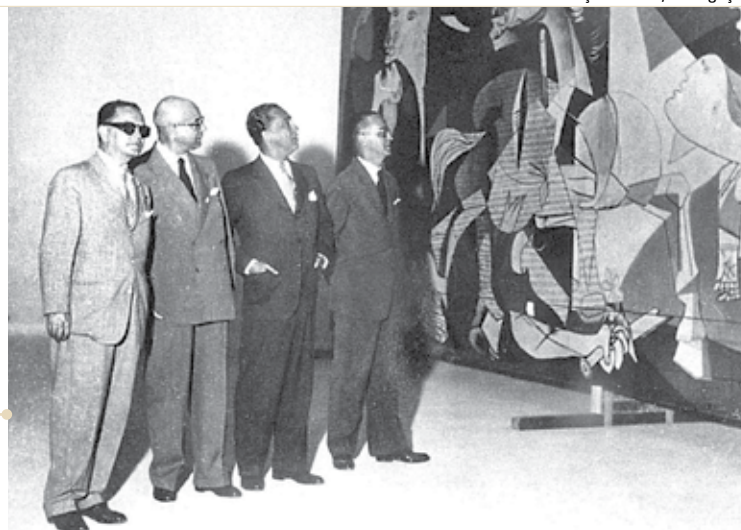
Edição pop trouxe obras de Andy Warhol (1928-1987) e Roy Lichtenstein (1923-1997)

10ª Bienal - 1969

"Bienal do Boicote": convidados se recusaram a participar em protesto contra o regime militar

16ª Bienal - 1981

O curador Walter Zanini



1953 O presidente Juscelino Kubitschek (segundo da dir. para esq.) observa a tela

trouxe novos conceitos à mostra, como exibir obras por analogia de linguagem

18ª Bienal - 1985

A curadora Sheila Leirner dispôs as obras sob a perspectiva de uma "grande tela", apontando para pinturas muito semelhantes, causando a ira de vários artistas

22ª Bienal - 1994

A Bienal ficou sob o mecenato/presidência do banqueiro Edemar Cid Ferreira

24ª Bienal - 1998

A curadoria de Paulo Herkenhoff fez aproximações analógicas (dentro do conceito de antropofagia) de obras de estilos e épocas opostos

25ª Bienal - 2002

O evento passou por reformulações, eliminando a presença de grandes artistas do passado. Início de um grave período de crise da instituição



2008 Bienal é invadida por pichadores

26ª Bienal - 2004

Primeira edição gratuita teve recorde de público: 917 mil visitantes

27ª Bienal - 2006

Primeira edição sem representação nacional, o evento apontou como a produção contemporânea se aproxima do pensamento de Hélio Oiticica (1937-1980)

28ª Bienal - 2008

Conhecida como "Bienal do Vazio", a edição tinha um andar inteiro sem obras (um protesto por conta da crise da instituição). A área foi invadida e pichada; uma das pichadoras foi presa e ficou 50 dias detida

29ª Bienal - 2010

Os pichadores de 2008 foram convidados a participar da edição. Uma instalação de Nuno Ramos teve problemas com o Ibama por trazer urubus vivos

Carlos Ceconello/Folhapress



2010 Os urubus da instalação de Nuno Ramos tiveram que ser retirados por ordem do Ibama

Choque/Divulgação